

MERQUIOR

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O Estado de S.Paulo, 10.2.1991.

Merquior foi um dos grandes intelectuais que o Brasil produziu nos últimos vinte anos. Foi antes de mais nada um homem com capacidade de pensar - e esta é uma qualidade rara inclusive entre os intelectuais cuja profissão é pensar. Porque pensar significa capacidade de pensamento independente e criativo, significa examinar cada fenômeno - particularmente se se tratar de um fenômeno econômico, político ou social, como um fato novo - e portanto como algo que exige uma interpretação razoavelmente livre de teorias e ideologias prévias. Significa conhecer as teorias e as ideologias, mas não se prender a elas.

Merquior era um cientista social e um ideólogo que pensava. E pensava munido de uma enorme cultura. De uma cultura realmente erudita. Lembro-me bem de uma tarde, em Cambridge, no início de 1987, quando fomos visitar juntos o museu de arte da Universidade de Cambridge. Merquior foi na verdade me mostrar aquele museu, que ele conhecia quase de cór. E sobre cada quadro, sobre cada pintor ele não tinha apenas informações, geralmente entusiásticas, a dar. Tinha também opiniões firmes, claras.

Merquior não era portanto apenas um homem erudito. Era um homem profundamente culto. Dotado de uma visão de mundo que lhe era própria. Merquior ficou famoso pelo seu polemismo. E de fato não havia nada que ele fizesse com maior prazer - e impiedade, senão injustiça, como aconteceu com Marilena Chauí - do que uma polêmica. Mas na verdade as polêmicas pouco representam na sua grande e rica produção intelectual. Muito mais importante é a crítica do pensamento moderno, marxista e neo-marxista, a partir de uma perspectiva liberal clássica, que tem origem no iluminismo jusnaturalista de Rousseau, sobre quem escreveu sua tese de doutoramento.

Merquior critica assim o pensamento de esquerda a partir do pensador mais de esquerda do iluminismo liberal. Do pensador que mais radicalmente defendia a democracia e se erguia contra a desigualdade entre os homens. Isto o transformava em um liberal muito particular. Um liberal moderno, um liberal social-democrata, como

ele gostava de se auto-denominar. Um liberal preocupado com a verdade e indignado com a injustiça. Um liberal que via para o Estado um papel fundamental na área social.

Mas como um liberal social-democrata aceitou trabalhar com Leitão de Abreu no final do regime militar? A esquerda - especialmente aquela parte da esquerda que não pensa - acusou-o insistentemente de ser um homem de direita, esquecendo que Leitão de Abreu estava envolvido na abertura.

É difícil classificar ideologicamente um grande e contraditório intelectual como Merquior, especialmente quando nos lembramos que tanto na esquerda quanto na direita o domínio é sempre daqueles que não pensam mas repetem teorias e ideologias. Merquior foi um intelectual na mais estrita acepção do termo, um destes intelectuais que a partir do Brasil é capaz de pensar o mundo, mas não foi um acadêmico. Não foi professor. Não trabalhou na Universidade. Ele era um diplomata de a carreira - um dos mais brilhantes produtos desta notável fonte de intelectuais que é o Itamarati - era portanto um homem de Estado. E como homem de Estado ele servia o Estado, ainda que freqüentemente o criticasse. Era um homem dedicado ao serviço público por profissão.

José Arthur Giannotti, com que Merquior polemizou, disse dele: "Fico muito triste porque perdemos um intelectual importante, bem diferente do homem acadêmico, mas que teve a virtude de multiplicar as maneiras de fazer cultura neste país". Eu também fico triste por todas estas razões e porque perdi um amigo.